

PAGANISMO E SÍMBOLOS CATÓLICOS NA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL¹

PAGANISM AND CATHOLIC SYMBOLS IN THE ITALIAN IMMIGRATION REGION OF QUARTA COLÔNIA IN RIO GRANDE DO SUL

Maíra Ines Vendrame²

Alexandre Karsburg³

Nikelen Acosta Witter⁴

RESUMO

Neste artigo tem-se por objetivo analisar a cultura religiosa dos descendentes dos imigrantes italianos da região da Quarta Colônia do Rio Grande do Sul, na procura de permanências de uma religiosidade antiga. Ao se observarem certas práticas cotidianas de comunidades da Quarta Colônia, constatou-se o trabalho diário na lavoura, as relações familiares no âmbito do privado, a convivência com os demais moradores, as ações comunitárias de cooperação e a religião, a qual aparece como base de tudo, regendo muitas das atitudes das pessoas. Esta relação com o sagrado exhibe a presença de uma cultura religiosa que veio com os primeiros imigrantes italianos no final do século XIX. Esses imigrantes, por sua vez, pertenciam a um mundo rural europeu que pouco se modificou em suas estruturas, especificamente, no campo do religioso. Entrevistas com alguns moradores de comunidades camponesas da Quarta Colônia, aliada a uma revisão bibliográfica, permitiu identificar algumas crenças que se mantiveram desta cultura religiosa dos ítalo-descendentes. Crenças que podem ser encontradas na religiosidade de seus antepassados que viveram na Península Itálica no final do período medieval e época Moderna.

Palavras-chave: imigração italiana, quarta colônia, religiosidade popular.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the religious culture of the descendants of the Italian immigrants in the region of Quarta Colônia in Rio Grande

¹ Trabalho desenvolvido com bolsa PROBIC/UNIFRA.

² Aluna de graduação de História - UNIFRA.

³ Aluno de graduação de História - UFSM.

⁴ Orientadora - UNIFRA.

do Sul. It seeks to identify the remains of an old religiousness. By observing some community practices in Quarta Colônia, many things were evidenced, such as the daily work in the field, the private range of the family relationship, the relations among the other people, the communal actions of cooperation and the religion as base of everything and being responsible for the people's attitudes. This relation to the sacred shows the presence of a religious culture which came with the first Italian immigrants at the end of the 19th century. These immigrants belonged to a European rural setting which has scarcely changed in its structures, especially in the religious field. Interviews with people who live in the rural communities of Quarta Colônia, allied to a bibliographical review made it possible to identify some beliefs of this religious culture kept by the Italian descendants. These beliefs could be found in the religiousness of their ancestors who lived in the Italian peninsula at the end of the medieval period and Modern Age.

Key words: Italian immigration, Quarta Colônia, popular religiousness.

INTRODUÇÃO

Uma das características das pessoas que vivem no mundo rural é a sua resistência às grandes mudanças que acontecem em seu tempo, e que podem modificar seus hábitos. Assim, ocorre uma tentativa de manutenção de seus valores, que os conduz à conservação de atitudes muito semelhantes aos seus mais remotos antepassados. Na região da Quarta Colônia⁵ de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul está uma típica representante do ruralismo, pois seus habitantes se mostram profundamente apegados a crenças que remontam ao início do povoamento. Alguns aspectos de sua visão de mundo é o que mais chama a atenção: a religiosidade deste povo mostra-se, em primeiro plano, pelas suas práticas diárias e pelo grande número de igrejas, capelas e santuários dedicados à pregação e manutenção da fé.

Muito se escreveu sobre este tema, principalmente no aspecto de enaltecer as regiões de imigração italiana, dizendo que sua prosperidade se deve à união, ao trabalho e à sua profunda fé católica.⁶ Ou, ainda, em outras palavras, que “esta religiosidade tão singela, porém vivida de modo tão ex-

⁵ Localizada no centro do Rio Grande do Sul, próximo a Santa Maria, a região conta hoje com sete pequenos municípios: Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, Nova Palma, São João do Polésine, Dona Francisca e Pinhal Grande.

⁶ Com este ponto de vista encontramos: Genésio BONFADA (1991), Pio José BUSANELLO (1999), Luiz SPONCHIADO (1992), Silvino SANTIN (1990), Olívio MANFROI (1975), Rovílio COSTA e Luis A. DE BONI. Estes são os que se destacaram na produção historiográfica sobre as regiões de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, e suas obras são referências também para genealogias e histórias de famílias.

traordinário pelos nossos imigrantes, foi o primeiro e principal fator de sua persistência, união e prosperidade”. (CESCA, 1975, p. 169) Por mais que se concorde com tal afirmação sempre cabe algum aprofundamento no assunto. Isso foi feito tanto por padres católicos quanto por historiadores, seja por aqueles que nasceram e viveram na dita região, seja por “estrangeiros” que se sentiram curiosos ao se depararem com certas peculiaridades do local. Muitas abordagens podem ser feitas tendo como ponto de partida o religioso. Percebeu-se que o mais tradicional é analisar o contexto da imigração na Itália do século XIX e as muitas dificuldades encontradas no Brasil para a construção de uma nova vida.

Por mais ênfase que possam dar a outros assuntos, como as tradições, costumes e o trabalho na lavoura, o pano de fundo continua sendo a religião. Alguns padres abordaram de forma apologética o assunto, enaltecem a fé das pessoas pois dizem que tais comunidades são as mais pacatas do mundo, graças ao seu forte apego religioso. (BUSANELLO, 1999, p. 88) Outros, como o padre Arlindo Rubert, entenderam seu trabalho entre os fiéis como uma luta constante para preservar os valores sólidos da Igreja contra os elementos hostis, vindos do subterrâneo e das trevas. (VÉSCIO, 2001, p. 250) Esse segundo um ponto de vista, foi o que maior interesse despertou. O que seriam essas forças hostis que os padres achavam vir do “subterrâneo” e das “trevas”?

Visto que inúmeras práticas cotidianas da pequena vila de Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno, passaram a ser observadas e trazidas à luz por um trabalho de pesquisa histórica, algumas das informações coletadas abriram caminhos para se tentar responder à pergunta. Numa primeira etapa, o trabalho consistiu em participar do dia-a-dia da comunidade, para, posteriormente, realizar entrevistas com seus moradores. Nas entrevistas, procurou-se deixar os colonos expressarem suas idéias da maneira mais espontânea possível, com pouca interferência dos entrevistadores. Tal procedimento veio a ser acertado, pois, ao não interromper o exercício de resgate de memória operada pelos colonos, estes puderam revelar casos que estavam ocultos pelos anos. Após, consultaram-se obras que analisaram a religiosidade dos descendentes de imigrantes italianos do Rio Grande do Sul. Por fim, procurou-se uma bibliografia que desse conta de estudos sobre a cultura religiosa⁷ popular, medieval, na Europa, especificamente, da Região Norte da Itália.

Constatou-se, assim, que diversas crenças, que remontam a um tempo muito distante, estão vivas entre as pessoas da comunidade. São crenças que

⁷ Entende-se como cultura religiosa os costumes que ultrapassam o caráter dogmático e doutrinário da religião. Percebe-se que a cultura religiosa influencia vários campos de relações, sejam familiares ou comunitárias e que acabam por nortear os valores, as crenças e os hábitos das pessoas.

se traduzem em práticas e em histórias específicas de um povoado rural, típico de uma tradição oral, transmitida hereditariamente e que é de longa data. Outro ponto em questão é a crença ainda presente de que curandeiros podem operar curas milagrosas nas pessoas. Eles, por sua vez, continuam efetuando seus serviços em algumas comunidades visitadas, receitando desde rezas e chás até benzeduras para as mais diversas doenças. Isso foi o que a Igreja Católica chamou de paganismo e que muito perseguiu no final da Idade Média e por quase toda a época Moderna.

Os vários relatos buscados, entre os moradores das localidades estudadas,⁸ revelam que em seu imaginário, há ainda uma forte presença pré-cristã de concepção do mundo. A essa vieram se juntar símbolos católicos e uma série de valores que remontam ao medievo europeu. O significado que dão à terra; o “contrato” com Deus; o controle firme sobre a sexualidade; o respeito aos sacerdotes; o medo das intempéries da natureza que podem causar más-colheitas, enfim, muitas permanências, encontradas nas comunidades estudadas e que possuem similares medievais. Portanto, mais do que enaltecer a religiosidade desses descendentes de imigrantes, procurou-se, em primeiro lugar, embora tarefa difícil, buscar as origens desse conjunto de convicções e valores que dão um significado todo especial ao mundo que os cerca. Se eles possuem um imaginário pagão e cristão, não há lugar melhor para buscar uma explicação para esse sincretismo do que na formação cultural popular, medieval européia. Nessa análise, não foi esquecida a cultura erudita da Idade Média e época Moderna, pois ela agia e procurava alterar o verdadeiro sentido das crenças populares do período.

BUSCANDO A RELIGIOSIDADE DOS IMIGRANTES E SEUS DESCENDENTES

Primeiramente, pretende-se esclarecer que esta comparação entre sociedades tão distantes no tempo e no espaço não foi uma escolha ao acaso. As comunidades rurais da Quarta Colônia preservam muitas das tradições de seus antepassados que vieram da Itália no final do Século XIX, e quanto a isso, não restam dúvidas. E esses pioneiros italianos que aqui chegaram, possuem ligação com aqueles camponeses medievais? Ou ainda, será que há vínculos com a cultura pagã que dominava os campos antes da expansão do cristianismo na Alta Idade Média?

⁸ A principal comunidade estudada foi a de Novo Treviso. Próximo a esta, e também visitadas, estão Linha Cruz e Linha Formosa, todas formadas por italo-descendentes. Além dessas, o município de Faxinal do Soturno, em seu centro urbano, forneceu entrevistas e algumas informações adicionais que muito contribuíram para a presente pesquisa.

O Norte da Península Itálica, antes da unificação romana, era habitada por uma série de povos com culturas muito antigas. Mesmo após a dominação de Roma, muito pouco foi alterado, pois o Império ia incorporando os cultos locais à medida que ocupava o território de seus vizinhos (ELIADE & COULIANO, 1999, p. 251) e não os obrigava a mudança cultural, somente o culto ao imperador era acrescido a esses povos. Mesmo com o cristianismo crescendo em número de adeptos nos quatro primeiros séculos de nossa Era, ele não ultrapassava os limites urbanos, portanto, o campo permanecia intacto à “boa nova”. Após as invasões bárbaras, que alteraram profundamente o mundo romano, principalmente, o lado ocidental (LE GOFF, 1995, p. 42), a situação se modificou sensivelmente. Estes povos vindos do Leste e do Norte da Europa traziam consigo sua cultura e suas próprias tradições. Embora a maioria das tribos, quando da entrada definitiva em terras romanas no século V, já tivesse sido convertida ao arianismo⁹, isso não significou uma mudança na forma ritualística de expressão da fé. Esses povos, ditos “bárbaros”, eram seminômades e tinham uma maneira simples de adorarem suas divindades. Cultuavam seus antepassados, possuíam a crença na existência de um espírito imaterial e invisível, enxergavam por trás dos objetos uma viva alma, ou espírito, e que poderia ou não se relacionar com o homem. Como bons animistas, recorriam à magia, por meio dos feiticeiros, para aplacar a natureza e seus espíritos.¹⁰ Uma outra característica dos germânicos era “o apego do pequeno camponês... à sua propriedade pessoal” e isso “era...atitude normal por parte de um colono instalado num país conquistado...” (Idem, *Ibidem*, p. 53).

Durante todo o período da Alta Idade Média (séculos V ao X), o cristianismo foi se espalhando pelo mundo rural europeu de forma lenta, mas contínua. Os monges faziam penetrar os valores cristãos no campo, pouco tocado pela nova religião. Esse meio rural, de longas tradições e permanências, passou a ser o mundo fundamental da sociedade medieval (Idem, *Ibidem*, p. 157). Sistemáticamente, os símbolos católicos vão sendo introduzidos nas sociedades campesinas e, como esses locais são habitados por descendentes dos antigos “bárbaros”, parece ter acontecido uma integração da nova fé cristã à religião cósmica que estes conservavam desde a “pré-história” (ELIADE, 1996, p. 134). O papel dos monges na cristianização destas regiões consistiu, entre outras coisas, na destruição de ídolos naturais, na derru-

⁹ Seita cristã surgida dos ensinamentos do sacerdote alexandrino Ário (256 - 336). Acreditava que Jesus era de natureza inferior a Deus, ou seja, o Filho não era “da mesma substância do Pai”. O arianismo foi condenado no Concílio de Nicéia (325) e seu fundador banido da religião. Missionários arianos deram seqüência às idéias de Ário, convertendo um certo número de Ostrogodos na Itália (até meados do século VI), de Visigodos na Espanha (até fins do século VI) e dos Vândalos no Norte da África (LOYN, 1997, p. 26).

¹⁰ Definições de animismo tiradas de: KONINGS & ZILLES, 1982, p. 66; WILGES, 1994, p. 16-7.

bada de árvores sagradas, no batizado de uma nascente ou na colocação de uma cruz num altar rústico (LE GOFF, 1995, p. 157). Para o homem do campo, a mudança do símbolo não alterava o ritual ou a essência da cultuação; para ele, a cerimônia para se comunicar com o sagrado continuava a mesma, houve, somente, uma mudança do ídolo no altar.

A cristianização das tradições religiosas pagãs transformou certos deuses ou heróis mitológicos em santos cristãos. Um exemplo são os inúmeros matadores de dragões, da Grécia à Irlanda e de Portugal aos Montes Urais, que se converteram todos no mesmo santo: São Jorge (ELIADE, 1979, p. 173). Interessante é perceber que a propagação do evangelho durante os quatro primeiros séculos do período medieval exigiu um esforço constante de adaptação às condições específicas da época. O cristianismo foi assimilando práticas pagãs ao seu mundo e os “bárbaros” camponeses continuavam a efetuar os seus ritos, o que comprova a essência pagã do cristianismo, pelo menos em seu início medieval.

A ruralização, ocorrida dos séculos III ao VII, não foi o único aspecto neste processo, mas talvez o mais espetacular dentro “de uma evolução que vai imprimir à sociedade do Ocidente medieval um caráter essencial que ficará arraigado na mentalidade ainda por muito mais tempo que na realidade material” (LE GOFF, 1995, p. 51-2). Algumas dessas marcas se enraizaram de tal maneira que cruzaram o tempo e o espaço e estão presentes na comunidade de Novo Treviso. Se hoje encontramos uma intensa veneração a imagens de santos, um grande controle da sexualidade e também uma idéia de um Deus punitivo, julgador, foi preciso voltar na história e ver onde estes e outros fatores se reuniram. Sabe-se que os membros da Igreja, ao tentarem a cristianização entre os “bárbaros”, eles próprios se “barbarizaram e ratificaram a regressão da espiritualidade e da prática religiosa”. Um Deus que julga, o crescimento do culto a relíquias, reforço dos tabus sexuais em que a “mais primitiva tradição bíblica se aliou aos costumes ‘bárbaros’. Foi um verdadeiro regresso ao paganismo”, ou em outras palavras, nasceu um mundo novo, lentamente formado pela fusão das tradições romanas e germânicas. “Tomara forma a Idade Média” (Idem, *Ibidem*, p. 48-62).

Definitivamente, algumas das respostas do porquê encontrar crenças e práticas antigas em pequenas comunidades católicas parecem, assim, mais claras. Resta ainda analisar quando certas doutrinas da Igreja entraram nas concepções camponesas. Certamente, o marco para se buscar tal resposta encontra-se por volta do ano Mil de nossa Era. Temos aqui uma verdadeira renovação do Ocidente, uma “brusca eclosão [que] fez do século XI, o século do...arranque da Cristandade ocidental” (Idem, *Ibidem*, p. 80). Mas o que significa exatamente este arranque? A Igreja passou a ter maior autonomia

diante dos reis, decidia por si só seus caminhos, passou a estabelecer uma verdadeira reforma interna, enfatizou certos dogmas aos fiéis e passou a controlá-los de uma maneira mais próxima. Essas mudanças são atribuídas à Reforma Gregoriana, um processo que se iniciou ainda no século IX, e teve como seu ícone maior o Papa Gregório VII (1073 - 1085). Com ela, a Igreja almejava a independência e uma moralização de seus membros o que, dentro de poucos séculos, fá-la-ia atingir uma força muito grande na Europa (FRANCO JR., 1988, p. 117-8). Conforme os anos passavam, uma série de atos pagãos foram sendo sacralizados pela Santa Sé, tudo para que a fé cristã não corresse o risco de degradar-se em práticas supersticiosas. Isso só seria possível se os povos “bárbaros” batizados obedecessem à nova lei. Em última análise, ela até conseguiu atingir seus objetivos, mas em sua própria atmosfera religiosa o que se viu foram rituais mágicos cercados por influências da religiosidade popular (VAUCHEZ, 1995, p. 13-26). Um dos vários exemplos que podem ser relatados é o matrimônio feito pelo padre com uma encenação ritualística do casamento, que unia as mãos dos noivos e observava a troca de alianças. A preocupação com o prazer sexual no leito do casal fazia-os dizer que:

...o homem poderia manifestar-se claramente quando desejasse a sua mulher; [esta, porém] deveria eximir-se de tal solicitação, ficando o marido obrigado a decifrar no seu semblante ou na sutileza gestual de sua esposa a vontade do ato carnal. (...) A confissão foi tornada obrigatória e periódica. A Igreja sobrepôs às famílias e impôs aos leigos a sua moral (VAINFAS, 1986, p. 32-9).

Além da vigilância eclesiástica, os homens da metade final do medievo deparavam-se com uma série de medos:

...a fome, a morte pelos inimigos ou por animais ferozes, pestes, elementos que destruíssem as colheitas e um medo sobrenatural da noite e [da punição pelos] pecados. A Natureza [representava para um homem medieval] um meio hostil que a cada instante fazia recordar a fragilidade humana. Deus estava presente em todos os momentos, em todos os lugares, acenando com a salvação eterna ou com a eterna danação (INÁCIO & DE LUCA, 1991, p. 37- 87).

A total inoperância diante das adversidades naturais fazia dos homens do campo seres dependentes das forças sagradas. Entretanto eles, na sua completa submissão e relegados somente ao trabalho braçal, tinham como uma de suas saídas os sacerdotes, visto que tinham o poder de interceder junto a Deus para que protegessem casas, animais e plantações. Além de recorrerem, freqüentemente, a procissões autorizadas pela Igreja, os camponeses possuíam suas próprias formas de tentar controlar as forças desconhecidas da natureza e, com isso, obter dádivas para a sua sobrevivência. Um desses rituais camponeses consistia em saídas noturnas, em espírito, nas quais se travavam batalhas contra os feiticeiros que praticavam malefícios à agricultura.¹¹ Se esse imaginário não perdurou no tempo, algo de muito similar ainda ocorre hoje na comunidade rural estudada. Realizam-se missas com o objetivo de abençoar as sementes e garantir boas colheitas. Muitos plantam os grãos ou mudas abençoados pelo padre em suas propriedades, algo muito parecido com o que ocorria na Idade Média, quando a hóstia sagrada era levada pelos camponeses a fim de enterrá-las em suas terras, tudo para garantir a fertilidade das lavouras (VAUCHEZ, 1995, p. 18).

O espaço geográfico europeu, durante a Idade Média, estava totalmente fragmentado politicamente. Um mundo essencialmente rural, com diversos reis, senhores, vassallos, servos, ladrões, guerras, línguas, moedas e que não possuía elementos que os identificassem como um mesmo povo. Entretanto, uma instituição estava presente em todos os cantos: a Igreja Católica. Nos vários mosteiros, igrejas e capelas existia uma idéia unificadora: a Cristandade Ocidental. Embora mais idealizada do que de fato concreta, esta criava uma certa identidade entre todos. Portanto, a religião era um elo de toda esta época.

E quanto aos primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil no século XIX, teriam eles se achado brasileiros, italianos ou sem pátria? O que fundamentou a sua unidade? Certamente não se achavam brasileiros, pois os costumes daqui não lhes agradavam, sentiam-se estrangeiros. Prova disso são as inúmeras cartas escritas, quando do início do povoamento, pelos imigrantes. Uma delas diz respeito à falta de preparo de uma professora que estava educando as filhas dos colonos. Dizia um deles que, embora seja "...honeste e prudente...não recebeu instrução se não concernente a este miserável mundo..." (BISOGNIN; *et al*, 2001, p. 363). Outros relatos demonstrariam um repúdio ainda maior de sua nova morada. Alguns queriam voltar a qualquer custo: "Rogamos-lhe que nos livre desses tormentos e que nos faça voltar para a Itália..." (Idem, *Ibidem*, p. 468-71). A grande maioria

¹¹ O historiador Carlo Ginzburg dedicou um livro para tratar desse assunto. Os "benandanti", como eram conhecidos essas pessoas, protegiam as colheitas dos espíritos do mal; caso ganhassem a batalha, os campos estariam a salvo, caso perdessem, as desgraças nas plantações seriam certas. Os casos foram tirados de vários processos inquisitoriais ocorridos no Norte da Península Itálica nos séculos XVI e XVII. Os Andarilhos do Bem: Feitiçarias e Cultos Agrários nos séculos XVI e XVII, (GINZBURG, 1988).

escrevia ou se dizia ser italiano, mas não o eram emocionalmente, pois o país de origem, recém-unificado, e de forma anticatólica, fizera com que os camponeses sentissem um certo repúdio a sua ex-pátria (DE BONI, 1996, p. 235). Portanto, todas as transformações que ocorressem e que fossem contrárias aos valores católicos, seriam desaprovadas pela maioria dessas pessoas. Então, de fato, pode-se perceber outro ponto de similaridade entre o medievo e a região que está sendo estudada. A religião atuou como elo entre os imigrantes e a quase totalidade confessava-se católica, e esta fé forneceu-lhes os subsídios indispensáveis para reiniciar, individual e coletivamente a existência (Idem, *Ibidem*, p. 235).

Agora, mais do que se identificarem como católicos, esses imigrantes desejavam ter o seu espaço sagrado, o que permitiria que se obtivesse um ponto fixo, possibilitando, portanto, a orientação em um mundo caótico, fundando o seu local sagrado e de vivência com este (ELIADE, 1996, p.27). Por esse motivo foi que eles, antes de qualquer coisa, construíam uma capela e, posteriormente, uma igreja. Esta era tida como um ponto de referência, ao redor do qual passou a girar não só a vida religiosa, mas também a vida social, política, econômica e cultural (MAESTRI, 2000, p. 32). Além disso, os colonos sentiam que, nesse recinto sagrado, tornava-se possível a comunicação com Deus, portanto, o templo constituía uma abertura para o céu, um caminho bem sinalizado para o divino se manifestar, pois, assim, eles se sentiriam seguros para viverem suas vidas (ELIADE, 1996, p. 29).

Pode-se, então, entender o porquê de tantas capelas e igrejas espalhadas por toda a Quarta Colônia. Para a construção dessas eram empreendidos esforços grandiosos, tanto físicos quanto financeiros. Entretanto, não só por necessidades espirituais que um templo era erguido. Não tê-lo equivaleria a uma situação de inferioridade ante os vizinhos, por isso, há multiplicidade deles, que por vezes, parecem desnecessários (DE BONI, 1996, p. 236). Um sentimento de concorrência parecia tomar conta das primeiras comunidades formadas dentro das quatro colônias de imigrantes italianos do Rio Grande do Sul¹². Poder-se-ia perguntar se o medievo também presenciou esta corrida por construção de templos. A resposta é positiva, pois:

...ao aproximar-se o terceiro ano a seguir ao ano Mil, viu-se...principalmente em Itália e na Gália, a reconstrução dos edifícios das igrejas; embora a maior parte delas, muito bem construídas, não tivessem disso nenhuma necessidade, uma verdadeira emulação impelia cada comunidade cristã a ter uma igreja mais suntuosa que a dos vizinhos (LE GOFF, 1995, P. 87).

¹² Além de Silveira Martins, havia outras três colônias de imigrantes italianos do Rio Grande do Sul: Conde D'Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Campo dos Bugres (Caxias do Sul).

Mesmo que cada comunidade fizesse a sua igreja, estes, no início do povoamento, sentiam falta de um guia religioso, alguém preparado para celebrar a missa e outros sacramentos. A região da Quarta Colônia não contava com uma assistência desse gênero. Isso provocou um desamparo evidente, que beirava o desespero, como atestam as várias cartas escritas por colonos de Vale Vêneto por volta dos anos de 1885. Ao implorarem as autoridades o envio de algum sacerdote digno para guiá-los para a salvação eterna, descreviam o seu completo abandono espiritual. Temiam pela alma das crianças, o não recebimento da santa comunhão e sentiam falta da confissão (BISOGNIN *et al.*, 2001, p. 325-423). Os problemas só foram superados quando padres com boa formação (aos olhos dos imigrantes) chegaram. Uma atmosfera toda especial formava-se nas vilas para a recepção dos sacerdotes. A alegria era tanta que extravasavam em agradecimentos a Deus e aos responsáveis pela vinda dos mesmos.

A nossa consolação está no auge (...) A fé nos revela que tudo o que vem, vem pela permissão e vontade de Deus (...) quem ousará duvidar que aqui quatro jovens ministros...são mensageiros do Altíssimo? E se são...o que nos falta? [Foram] anjos enviados pelo Senhor (...) que amam com verdadeiro amor o povo e são por ele amados (Idem, *Ibidem*, p.383-6).

Com todo este clima espiritual favorável e que demonstra a grande dependência que os italianos tinham em relação à Santa Igreja Católica, não admira que a Igreja tenha visto que a região oferecia uma das “mais propícias condições para a criação de algo assim como um estado cristão”. Havia unanimidade entre muitos que visitavam o local ao afirmar que:

...a fé simples dos colonos e a alegria com que recebiam o padre [provava que] o catolicismo rural do clero europeu [poderia entender-se] perfeitamente com a mentalidade rural dos colonos, e a América parecia ser mesmo a terra da Promissão (Azevedo, apud DE BONI, 1996, p. 242).

Para a Igreja romana, todos estes aspectos positivos para a expansão da cristandade vinham numa boa hora, pois a Europa do século XIX, principalmente da metade em diante, passava por transformações de ordem estru-

¹³ Concílio que proclamou a infalibilidade do papa e serviu para fortalecer a Igreja Católica diante das repercussões liberais da Revolução Francesa que tomou conta da Europa no século XIX. Ver mais em AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 33.

tural. Os avanços da Revolução Industrial e a própria unificação da Itália, representavam forças que poderiam dismantelar os ideários clericais. O Concílio Vaticano I¹³ (1865 - 69) veio para reestabelecer a posição da Igreja e condenar os “...erros modernos, dentre eles o racionalismo, o naturalismo, a Maçonaria, o liberalismo, o socialismo...” (VÉSCIO, 2001, p. 261). Este posicionamento, que também se convencionou chamar de reação ultramontana¹⁴, beneficiou diretamente a Quarta Colônia. A fundação do Seminário dos Palotinos em 1886, na pequena Vale Vêneto, foi um objetivo alcançado tanto pelos moradores quanto pelo ideário dos padres palotinos, visto que esses tinham plena certeza de que conquistariam o sucesso em sua pregação na Quarta Colônia, pois a religião significava tudo para esses colonos. Também visavam à solidificação de suas bases para, depois, ganharem espaço por todo o Brasil (Idem, Ibidem, p. 278). Portanto, será que somente os camponeses permaneceram impregnados de mentalidade medieval? Certamente, os membros da Igreja também mantiveram alguns traços, pois a idéia de expansão da cristandade não foi uma novidade do século XIX. Sempre que a fé católica se encontrou em perigo a Igreja se pôs em prontidão imediata.

Para uma identificação mais clara do real significado que os colonos dão aos vários símbolos e ritos religiosos que os cercam, foi utilizada a teoria de ELIADE (1996) ao afirmar que “...o único meio de compreender [este] universo mental...é situar-se dentro dele, no seu próprio centro, para alcançar, a partir daí, todos os valores que esse universo comanda” (p. 135). Este método de pesquisa revelou-se um dos mais propícios para se estudar o local. Muitas crenças que são vividas tão naturalmente e, às vezes, até passavam despercebidas para os camponeses, começaram a se tornar mais transparentes conforme a pesquisa andava. Um dos pontos que pode ser destacado é o auto-senso de comunidade presente entre os moradores da vila. Uma das atividades que mais chamou a atenção neste estudo foi que eles denominaram, “puxerão”, que consiste na ajuda de todos os moradores quando se precisa limpar uma roça, construir ou reconstruir uma casa, um galpão ou outra atividade em que há necessidade de uma ajuda mútua. Nas festas da paróquia, embora haja algumas queixas, todos acabam cooperando, seja fazendo a comida seja servindo as mesas. Quando alguma família abate uma vaca, ou um porco, é uma gentileza dar alguns pedaços do animal para os vizinhos e, mesmo que seja feito por uma obrigação moral, ninguém foge à regra.

¹⁴ O termo ultramontano teve sua origem no século XIV, quando o rei francês fazia referência ao local de sede do mundo católico. Roma, na visão dos franceses, localizava-se além das montanhas, por isso tal denominação.

A participação coletiva nos cerimoniais religiosos ainda é muito controlada, não tanto pelos padres, mas sobretudo, pelas próprias pessoas da comunidade. Sempre há algum questionamento de por que fulano ou beltrano não veio à missa. Todavia, o momento de maior devoção, que se cobrava a participação de todos da comunidade, eram as procissões ao morro da cruz. Embora tal prática esteja momentaneamente abandonada, em épocas de seca era comum a subida dos moradores a este cerro próximo. Com o padre à frente, havia a preocupação em pedir chuva por meio deste sofrimento coletivo, uma forma de expiação dos pecados e de pedir misericórdia a Deus. Interessante é que, na descida do morro, a chuva batia às costas de todos, pelo menos é o que contam alguns moradores do local. Esta peregrinação coletiva andava junto ao sentimento de pecado e salvação comunitários e estava muito arraigado na mente dos colonos, uma característica que era enfatizada, principalmente, por padres da região.

Talvez um dos aspectos de maior relevância para a união dos fiéis em torno da Santa Madre Igreja fosse a criação de um inimigo externo. A diabolização de qualquer força que viesse ameaçar a “verdadeira fé” era algo intrínseco dos homens do clero. Essa é uma tradição que ganhou ênfase já no século XII, e se manteve viva no imaginário cristão até os dias de hoje (NOGUEIRA, 1986, p. 36). O diabo, certamente, foi um dos maiores inimigos da Igreja Católica e esta se fortaleceu cada vez mais ao pregar a presença física dele, ou como afirma NOGUEIRA (1986), foi “através de imagens e de ritos, [que] a Igreja mantinha vívida a ameaça do [satã e do] Inferno ante os olhos da população” (p. 39). No final do século XIX, o demônio ainda tinha rosto, porém as suas feições eram diferentes para padres e fiéis. Para os primeiros, poderia ser a Maçonaria ou as idéias liberais; mas, para os segundos, as formas do “maligno” poderiam ser muitas. O demônio atormentava constantemente as pessoas, causava doenças e provocava calamidades em que todos eram prejudicados. Secas, enchentes, más-colheitas e epidemias eram as formas de manifestação do diabo (Idem, *Ibidem*, p. 23). Para um morador do campo, cheio de superstição, a figura maligna ganhava uma supervalorização, pois o capeta estava solto, tentando as pessoas, prejudicando as plantações e, de vez em quando, aparecendo fisicamente.

Quantos relatos de supostas aparições foram contados pelos colonos de Novo Treviso! Essas histórias estão disseminadas na região e gravadas como numa espécie de imaginário coletivo, principalmente entre os idosos. Perto de um lago, na curva de uma estrada, na trilha de um morro, enfim, o diabo pronunciava-se freqüentemente. Poderia ser um cão ou um homem extremamente alto ou muito bonito, sombras se movendo na escuridão ou barulhos inexplicáveis, mas o mais interessante é que qualquer coisa estranha à vida da comunidade era associada ao demônio. Uma constante nos comentários foi que as aparições se davam sempre à noite, nunca de dia. Que

tortura para um colono sair durante o período da escuridão! Às vezes era inevitável, então, a solução era não olhar para os lados e rezar, rezar muito para trazer Deus para o seu lado e torcer que o “coisa ruim” não aparecesse.

“A noite é, principalmente, o tempo dos perigos sobrenaturais. O tempo da tentação, dos fantasmas, do Diabo” (LE GOFF, 1995, p. 222). A noite terrestre, propícia às aparições mais inquietantes, é negra como o pecado; é negra também como as trevas do além que elas prolongam na terra, as terras povoadas pelas almas privadas da iluminação da visão de Deus (SCHMITT, 1999, p. 199).

Todo esse imaginário tenebroso do diabo e da noite foi sendo reforçado pela Igreja Católica. Ela passou a associar as práticas ritualísticas pagãs, na Idade Média, como sendo um culto a satã. O campo abrigava e mantinha viva estas antigas superstições, o que fez a Igreja perseguir todas as tradições consideradas impuras para o cristianismo (NOGUEIRA, 1986, p. 24-9). Há uma clara evidência que a cultura eclesiástica agiu e modificou a cultura popular, pois ao satanizar ritos primitivos, a mente camponesa absorveu tais alterações e as lançou para realidades muito diferentes. A Igreja criou necessidades e medos em seus fiéis e isto foi fazendo com que a mesma fosse vista como a única que poderia proteger os católicos “contra as maquinações do mal” (Idem, *Ibidem*, p. 39).

DACANAL (1996) acredita que seja correto afirmar que os primeiros imigrantes italianos tiveram o privilégio de contar com uma instituição milenar como a Igreja Católica e que esta os ajudou a preservar os traços de sua cultura européia, dando-lhes identidade e afastando os colonos dos perigos do novo mundo (p. 275). Talvez seja correto dizer também que ela veio fortificar a imagem do diabo e preservar parte de antigas crenças pagãs destes camponeses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se tentou realizar, primeiramente, foi mostrar que existe uma ligação entre as comunidades rurais da Quarta Colônia com as sociedades camponesas européias do medievo. Conforme a pesquisa avançava, podia se perceber que outras regiões colonizadas por imigrantes italianos também tinham mantido os mesmos traços culturais aqui estudados, o que se deve, em suma, ao desejo dos vênetsos em recriarem, no Sul do Brasil, pequenas “Itálias”, o que marcou, até os dias de hoje, a organização social desses núcleos de povoamento (ALVIN, 2000, p. 386-415). Toda essa bagagem

cultural trazida pelos colonos há mais de cem anos foi sendo formada na Europa ao longo dos séculos, seja sob influência católica seja por suas próprias formas de adaptação aos diferentes contextos que se apresentaram no tempo.

O objetivo central do projeto não reside simplesmente em buscar as origens pagãs do cristianismo ou averiguar qual a contribuição da Igreja Medieval na formação religiosa dos camponeses de ontem ou de hoje. Esta foi uma etapa necessária para se verificar as origens da religiosidade do imigrante e o sentido que estes dão aos diversos símbolos que os cercam. No entanto, existe a convicção de que com o passar dos anos os significados podem perder importância ou mudarem de roupagem e é exatamente este o próximo passo da pesquisa. Buscando as heranças culturais desses descendentes de imigrantes chegou-se à conclusão de que certas sobrevivências pré-cristãs ou, ainda, medievais, estão presentes na atualidade. Entretanto, não se quer reduzir as crenças encontradas hoje dizendo que permaneceram intocadas, pois, assim, não se levaria em conta a ação dos séculos sobre elas, nem tampouco os momentos históricos específicos dos imigrantes e descendentes aqui no Brasil. Uma vez instalados em sua nova pátria, esses precisaram responder as situações que lhes surgiam, portanto, readaptaram sua tradições à sua nova realidade. Alguns mitos ressurgiram, outros ganharam ou perderam força e houve aqueles que parecem ter desaparecido. Tudo fruto de necessidades imediatas que os impelia a procurarem saídas. Todo esse remanejamento cultural parece ter modificado muitos símbolos católicos e pagãos. Um exemplo disso é a própria figura do diabo, que até algumas décadas atrás estava muito presente no imaginário cotidiano das pessoas e hoje sofreu um enfraquecimento muito grande.

Com essa influência sobre a tradição popular se faz urgente um estudo de todo este imaginário que ainda está presente na Quarta Colônia, bem como as suas transformações em mais de um século de história na região. Os padres já mudaram e muito os seus discursos nos sermões e já se atesta esta mudança na forma de ver dos mais jovens. Os mais velhos ainda falam em florestas mal assombradas, almas vagando nas casas, procissões de mortos em cemitérios e, além disso, são eles que ainda conservam um sentimento religioso mais profundo, como se estivessem vivendo, usando as palavras de ELIADE (1996), uma “liturgia cósmica”. (p. 145) Se existia todo um “clima de crmandade, onde a participação maciça dos fiéis nas cerimônias da vida religiosa...[fazia] recordar os períodos áureos da Igreja Medieval”, (DE BONI, 1996, p. 242) isso pode estar se alterando justamente onde os costumes tiveram uma longa permanência: o mundo rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIN, Zuleika M. F. 2000. "O Brasil Italiano (1880 - 1920)" In: FAUSTO, Boris. (org.). **Fazer a América**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. 1999. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BISOGNIN, Edir Luca; TORRI, Valmor; RIGUI, José Vicente. 2001. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: EST.
- BONFADA, Genésio. 1991. **Os Palotinos no Rio Grande do Sul, 1886 a 1919: Fim da Província Americana**. Porto Alegre: Rainha .
- BUSANELLO, Pe. Pio José. 1999. **A história da nossa gente**. 2 ed. Santa Maria: Editora Pallotti.
- CESCA, Olivo. 1975. **Faxinal do Soturno: sua história e sua gente**. Santa Maria: Editora Rainha.
- DACANAL, José H. 1996. "A Imigração e a história do Rio Grande do Sul". In: **RS: Imigração e Colonização**. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto. (Série Documenta 4).
- DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3 ed. Caxias do Sul: EST / Correio Rio-grandense / EDUCS, 1984.
- _____. 1996. «O catolicismo da imigração: do triunfo à crise». In: DACANAL, José H. (org.). **RS: Imigração e Colonização**. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto. (Série Documenta 4).
- ELIADE, Mircea. 1979. **História das crenças e das idéias religiosas: De Gautama Buda ao triunfo do cristianismo**, Tomo II - Das provações do judaísmo ao crepúsculo dos deuses, Vol. II. Tradução Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 1996. **O sagrado e o profano: A essência das religiões**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes.
- _____; COULIANO, Ioan P. 1999. **Dicionário das religiões**. 2 ed. Colaboração H. S. Wiesner; Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. 1998. **Idade Média: nascimento do ocidente**. 2 ed. São Paulo: Braziliense.
- GINZBURG, Carlo. 1988. **Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras.

- INÁCIO, Inês; DE LUCA, Tânia Regina. 1991. **O pensamento medieval**. 2 ed. São Paulo: Ática.
- KONINGS, Johan; ZILLES, Urbano. 1982. **Religião e cristianismo**: manual de cultura religiosa. 6 ed. Porto Alegre: EST/Vozes.
- LE GOFF, Jacques. 1995. **A civilização do ocidente medieval**. vol. I e II. 2 ed. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa.
- LOYN, Henry R. **Dicionário da Idade Média**. Henry Loyn (org.). 1997. Tradução Álvaro Cabral; Revisão técnica Hilário Franco Júnior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MAESTRI, Mário; CARBONI, Florence. 2000. **Raízes italianas do Rio Grande do Sul (1875-1997)**. Passo Fundo: UPF.
- MANFRÓI, Olivio. 1975. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul/IEL/DAC/SEC.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. 1986. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Ática.
- SANTIN, Silvino. 1990. "Divisão social do trabalho entre os imigrantes". In: DE BONI, Luis Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil**. vol. II. Porto Alegre: EST.
- SCHIMITT, Jean-Claude. 1999. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.
- SPONCHIADO, Luiz. 1992. **A fundação da Quarta Colônia Imperial de Imigração**. Silveira Martins: II Fórum de Cultura Italiana do Rio Grande do Sul.
- VAINFAS, Ronaldo. 1986. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática.
- VAUCHEZ, André. 1995. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental (séculos VIII a XIII)**. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- VÉSCIO, Luis Eugênio. 2001. **O crime do Padre Sório: maçonaria e igreja católica no Rio Grande do Sul (1893 - 1928)**. Santa Maria: UFSM.
- WILGES, Irineu. 1994. **Cultura religiosa**: as religiões do mundo. 6 ed. rev. e atual. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.